

GUARINELLO, NORBERTO LUIZ.
HISTÓRIA ANTIGA. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2013.
174PP.

Rafael Augusto Nakayama Rufino¹

O processo de globalização, discutido à exaustão atualmente, pode ser entendido, grosso modo, como algo que promove a redução de distâncias e a integração dos povos, sem abrir mão dos debates em torno de seus aspectos positivos e negativos. Mas qual o motivo de iniciar a apresentação de um livro sobre o tema da História Antiga inserindo uma discussão prévia sobre as características da globalização? Qual seria a relação entre dois temas aparentemente díspares?

A essa problemática vem se juntar a obra intitulada *História Antiga*. Seu autor, Norberto Guarinello, é professor de História Antiga da Universidade de São Paulo (USP), e tem se dedicado ao estudo do mundo antigo colocando em pauta a problemática central da “história da integração do Mediterrâneo”. Segundo o estudioso, o historiador está munido de um instrumental que consiste em um tempo, um espaço e uma pergunta (ou conjunto de questões). O estudo da história seria fascinante devido ao fato de que ao se propor novas perguntas, olhamos para o passado de uma maneira radicalmente nova. Por esse motivo, “perguntar como se dá um processo de integração, no tempo e no espaço, é uma questão relevante”. Portanto, a integração do Mediterrâneo na Antiguidade é um tema que surge das perguntas e inquietações feitas sobre a globalização no mundo contemporâneo. Disso decorre a questão: o espaço do Mediterrâneo, com seu processo de integração, teria algo a nos dizer hoje, para os problemas enfrentados na atualidade?

Para levar a cabo esse intento, Guarinello estruturou sua obra em nove capítulos, e em cada um há subdivisões precisas que facilitam o entendimento do conjunto. No fim de

¹ Programa de Pós-graduação em História, Bolsista CAPES. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, Brasil. e-mail: rafaelnakayama@hotmail.com

cada capítulo, o autor teve o cuidado de indicar algumas obras centrais, a seu ver, para o debate colocado.

Uma *história da História antiga* é o que move e intitula o primeiro capítulo. Inicia com a ideia da “criação do antigo”, a partir do século XII, quando ainda não havia uma disciplina, mas uma noção de herança, onde os textos antigos representavam algo diferente da cultura contemporânea. Adiante, Guarinello trata do conceito de Renascimento, e critica o entendimento de uma recepção, como algo do passado que chega ao presente de forma inteira, essencial: “Não foi um renascer passivo, mas uma reconstrução profunda da memória, com objetivos bem presentes”. Finalmente, a disciplinarização da História Antiga se firmaria entre os séculos XVII e XVIII, período entendido como Iluminismo. Alguns autores desse período são mencionados, como é o caso de Edward Gibbon, Georges Grote, Barthold Nierbuhr e Theodor Mommsen.

A partir do século XIX, há um novo olhar para o passado e a História Antiga recebe influxos das Ciências Sociais e da Arqueologia, disciplinas nascentes no momento, e novos campos são abertos para o conhecimento: a sociedade, a família, a comunidade, a economia, a cultura e a religião. Com a ascensão, no fim do século XIX, de ideias como evolução, civilização, progresso e superioridade da Europa sobre o resto do mundo, a História Antiga se tornou o início de uma linha progressiva de civilização.

No segundo capítulo, *A História Antiga contemporânea*, Guarinello propõe-se a pensar o processo de reinterpretção da História Antiga, mostrando como as motivações do presente interferem nessa escrita e interpretação. São eles: as duas Grandes Guerras, a Revolução Russa, a revolução dos costumes nos anos de 1960 e 1970, a queda do Muro de Berlim e o fim do comunismo e, mais recentemente, os processos de globalização e suas crises. Importante destacar, nesse aspecto, as mudanças trazidas para a disciplina pela Nova História Cultural na década de 1980, ao promover a categoria de identidade, ao dotar a Arqueologia de importância para os estudos de História Antiga, ao questionar as balizas cronológicas da disciplina, entre outros. Enfim, para usar as palavras do próprio autor, “a História Antiga foi desconstruída”.

Seu recorte temático, os “estudos mediterrânicos”, é explicitado no capítulo seguinte, *O Mediterrâneo: processo de integração*. Guarinello coloca algumas questões: de que modo se deram os processos de integração humana na bacia do Mediterrâneo?; como se deu essa progressiva integração: quais seus mecanismos, quais suas causas, quais seus períodos de intensificação e abatimento”. É nesse lugar, um mundo de pequenas regiões terrestres, que viveram diferentes povos, isolados uns dos outros, mas unidos pelo mar.

A tentativa de responder as questões acima tem início no capítulo quatro, *Navegações*. Apoiando-se em resultados de escavações arqueológicas, coloca a importância do uso

do ferro a partir do século X a.C., bem como da navegação o dos navegadores gregos e fenícios para o processo que colocou em contato uma grande variedade de comunidades locais, por meio do mar. Desse modo, as navegações propiciaram trocas culturais entre diferentes povos. Além disso, inicia-se, a partir do século VIII a.C., a colonização grega e fenícia, geralmente na costa, na ocupação de territórios para a produção agrícola.

Imbricado com a discussão das navegações está o tema do capítulo seguinte, *Cidades-Estados*, pois, como sugere Guarinello, a cidade-Estado ou pólis “é uma forma de organização social tipicamente mediterrânea, o resultado da época das navegações. [...] Uma organização social e política dominante das comunidades ao longo do Mediterrâneo nos séculos seguintes”. Uma consideração importante que é feita é sobre a Pólis como um fenômeno, não de todos os povos do Mediterrâneo, mas somente do centro. Não se enquadrariam nesse conceito o Egito, o Extremo Oriente e o Levante. A consequência do surgimento da Pólis foi a reconfiguração dos processos de integração do Mediterrâneo. “O litoral do mar tornou-se mais exclusivo, mais delimitado. As diferenças com os territórios continentais começaram a sobressair. Fronteiras internas, locais, e externas, regionais ou mediterrâneas, passaram a dialogar de modo distinto”, aponta Guarinello.

O sexto capítulo, *Hegemonias*, discute o intervalo temporal compreendido entre o século V e II a.C., denominado “período das hegemonias”. Esse momento é marcado pelo grande aumento da complexidade social no Mediterrâneo, com o surgimento progressivo de grandes centros de poder no e sobre o Mediterrâneo, tanto orientais como ocidentais: Império persa (Levante, cidades fenícias, Egito, reino da Lídia), Atenas, Esparta, Macedônia, Cartago, Siracusa, Tarento, Roma, que travaram inúmeros conflitos entre si, ocasionando a reconfiguração das fronteiras mediterrânicas. É justamente uma delas, Roma, que passou a expandir sua hegemonia, a princípio na península itálica, junto com seus aliados. Houve, nesse sentido, uma inovação das estruturas de integração, como a construção de estradas, unindo, aos poucos, todos os centros da Itália. A expansão do uso do latim também fez parte desse processo. Não é demais dizer, pondera Guarinello, que essa expansão não se deu sem conflitos e muito menos sem a formação de uma ampla aliança com outras cidades.

Os dois capítulos seguintes são dedicados ao *Imperialismo romano* e ao *Império*, este último a partir do governo de Augusto. Com a expansão romana na península itálica, bem como o fim da guerra contra os cartagineses (III a.C.), outras duas frentes se tornaram alvos de ataques: o norte do Mediterrâneo e a península ibérica; e o Mediterrâneo oriental. Com as conquistas, vieram o afluxo de riquezas, o uso do trabalho escravo e, paradoxalmente, o aparecimento de rachaduras no próprio centro imperial, que levou a uma guerra civil no século II a.C. Suas origens podem ser

traçadas pela falta de distribuição da riqueza e pela rebelião dos próprios aliados por uma maior participação nos despojos de guerra. Diante disso, Guarinello observa que a guerra civil em Roma pode ser vista como uma “guerra mundial”, entendimento possível devido à integração mediterrânica: “Só o lento processo de acumulação de conexões, de interconexões, de redes e estruturas interligadas explica como a luta no interior de uma cidade pudesse, ao mesmo tempo, ser uma guerra mediterrânica”. Quanto à ordem imperial que teria se iniciado com Augusto, Guarinello é categórico: “O Império Romano, que durou séculos, apenas foi possível sob a base dos séculos de integração e consolidação de estruturas que o antecederam”. Até mesmo a difusão do cristianismo foi possível, em grande medida, devido às redes de comunicação mediterrânicas.

Por fim, o tema da *Antiguidade tardia* é abordado no último capítulo da obra. Esse conceito, que ganhara *status* acadêmico a partir da publicação do livro *The World of Late Antiquity* (1971)², do norte-americano Peter Brown, refere-se a um período muito mais amplo e fluído (II-VIII d.C.), que, para Guarinello, foi “uma época de grandes transformações, a começar por uma reforma radical do estado e de suas relações com a sociedade”. Uma contribuição central que esse conceito trouxe foi a crítica à ideia de “invasões bárbaras”, que, ao contrário do que se defendia, foi um “processo de integração mais amplo e menos destrutivo, segundo a qual o poder imperial não caiu, mas se reorganizou em unidades políticas menores e interdependentes”. Sendo assim, há uma tendência em perceber mais continuidades que rupturas nesses séculos.

Dito isso, o que o leitor tem em mãos é um obra introdutória sobre a História Antiga, escrita por um dos maiores especialistas brasileiros na área. O recorte é claro e evidenciado desde o início, o que é louvável, pois demonstra o distanciamento do autor de um discurso apodítico, a nos lembrar em vários momentos da importância da “arbitrariedade com consciência”.

Outros pontos merecem maiores comentários: a importância conferida pelo autor às informações provenientes de fontes arqueológicas, imprescindíveis, em muitos casos, para o estudo desse período; como o recorte é o Mediterrâneo, o autor não se restringe ao estudo da Antiguidade como sinônimo de Grécia e Roma, comumente chancelado nos cursos de História Antiga de grande parte das universidades brasileiras, e expande sua análise a todos os povos do Mediterrâneo ocidental e oriental; quando trata do Imperialismo romano, o autor se afasta de uma interpretação normativa, na qual Roma

² BROWN, Peter (1971). *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius to Muhammad*. Londres (2ª ed. aumentada: *The World of Late Antiquity AD 150-750*. Nova Iorque, 1989).

teria imposto a sua cultura ou teria havido uma aceitação dos povos submetidos da sua suposta missão civilizacional, e aponta para o caráter conflituoso, instável da relação com a ordem imperial.

A obra de Guarinello possui inúmeras qualidades para aquilo que se propõe: ser uma obra introdutória e de divulgação sobre o campo da História Antiga. Sente-se falta, no entanto, em alguns momentos, de uma explicitação mais contundente dos debates historiográficos que estão sendo colocados pelo autor, que movem suas posições e conclusões, e que muito poderia esclarecer o leitor mais interessado. Talvez não fossem questões irreconciliáveis no contexto da obra.

Entretanto, esse é apenas um detalhe que não ofusca sua qualidade, que possui o grande mérito de tirar a História Antiga de sua torre de marfim, vista como inabalável diante dos problemas mundanos, um lugar santo para o culto positivista e conservador, para mostrar o quão imbricada ela está aos anseios hodiernos. Afinal, “o mundo mediterrânico não nos oferece respostas precisas, mas nos propõe questões que são contemporâneas e muito importantes”, conclui Guarinello.

